

PARA UMA DESCRIÇÃO ENUNCIATIVA DO MARCADOR *QUEM*

MARIA TERESA FERNANDES DE OLIVEIRA

(Escola Superior de Educação da Guarda)

(Grupo "Gramática e Enunciação" — Universidade Nova de Lisboa)

1. As operações enunciativas de determinação nominal

No quadro da Teoria Formal Enunciativa de Antoine Culioli, uma ocorrência linguística de tipo nominal é o produto de uma série de operações de determinação nominal que incidem sobre uma noção. Estas ocorrências podem ser de diferentes tipos, como, por exemplo, específicas ou não específicas. Uma ocorrência nominal específica de uma noção tem um carácter referencial: designa um objecto ou uma entidade particular, que pode estar a ser introduzido enunciativamente, isto é, dotado de existência linguística, ou pode consistir na retoma linguística de um objecto já introduzido e, neste caso, corresponder a um pré-construído. Uma ocorrência nominal não específica corresponde a uma entidade não referencial, isto é, a uma simples representação da noção, que pode consistir numa individuação de tipo atributivo (a chamada ocorrência virtual) ou numa entidade genérica. Uma ocorrência específica é localizada em relação a uma situação particular, enquanto uma ocorrência não específica é localizada em relação à classe das situações (cf. Gilbert 1993: 77 e Oliveira 1997: 81-98).

As operações de determinação nominal são ordenadas e aplicadas sequencialmente, num percurso que vai da pura representação da noção à individuação de uma ocorrência particular, ou seja, do não específico ao específico, da intensão à extensão. Este processo efectua-se segundo as seguintes etapas: dada uma noção P , definida em intensão, puramente qualitativa, localizada (\subseteq), com uma finalidade enunciativa, em relação ao parâmetro Situação de Enunciação, Sit_0 , faz-se incidir sobre esta noção uma primeira operação de fragmentação, ou seja, constrói-se uma classe de ocorrências abstractas ou domínio nocional — $()_k$. Seguidamente, procede-se à extracção, que consiste na

- (2) (a) E a vingança era quem o impelia. (Herculano [1844] 1986: 90)
(b) e a vingança era o que o impelia
- (3) (a) era a memória quem/que me traía
(b) a memória era quem/o que me traía
(c) quem/o que me traía era a memória
- (4) (a) era a Ana quem/que me traía
(b) a Ana era quem/*o que me traía
(c) quem/*o que me traía era a Ana
- (5) (a) era a comida *quem/que me faltava
(b) a comida era *quem/o que me faltava
(c) *quem/o que me faltava era a comida

O emprego de *quem* surge também por metonímia, atribuindo-se a uma instituição a qualidade humana dos seus membros:

- (6) A responsabilidade pertence ao Governo britânico. Londres, a quem [/a que] cabe a administração da Irlanda do Norte, toma a maior parte das suas decisões sem consultar a população (*Corpus de Referência do Português Contemporâneo* (CRPC), Ref: EP6DARI15CTXTX)
- (7) O CNE [Conselho Nacional de Educação], a quem [/a que/ao qual] foi pedido um parecer sobre a matéria, cometeu a Francisco Valsassina a tarefa de preparar o documento que vai ser apresentado ao plenário (CRPC, Ref: EP6DARI15CTXTX)

As ocorrências linguísticas a que o pronome *quem* dá lugar podem ser específicas ou não específicas e surgir em construções interrogativas, exclamativas e relativas, de que passo a analisar alguns exemplos.

2.1. Construções interrogativas

2.1.1. Interrogação parcial

Quem surge frequentemente em interrogativas parciais directas, como:

- (8) Quem fez isto?

Ao enunciado está subjacente uma relação predicativa (<fazer, (), isto>) em que o lugar do primeiro argumento não foi preenchido, e a relação predicativa encontra-se não-saturada. O enunciador é incapaz, por si só, de a saturar, pela selecção de uma ocorrência da noção que preencha esse lugar vazio. A este enunciado estão subjacentes as seguintes operações (cf. Campos e Xavier 1991: 345-346):

- (i) o enunciador localiza a relação predicativa em Sit₀ como um pré-construído, isto é, como uma asserção estrita construída numa situação de enunciação distinta de Sit₀ (*alguém fez isto*);
- (ii) o enunciador constrói uma classe de ocorrências abstractas dos objectos que podem ocupar o lugar não preenchido na relação predicativa (o João, a Paula, o mordomo, o alfaiate), de que o representante é, no caso, o pronome *quem*;
- (iii) o enunciador constrói antecipadamente o espaço enunciativo em que o co-enunciador, constituindo-se como segundo enunciador, irá validar a instanciação de um dos elementos da classe no lugar vazio da estrutura já validada. Esta operação poderia ser expressa por uma interrogativa indirecta, do tipo *diz-me quem fez isto*.

O pronome *quem* é, pois, marcador de uma operação de percurso no interior da classe de ocorrências, sem saída, visto que o enunciador é incapaz de efectuar a extracção de uma ocorrência.

A interrogativa parcial indirecta obedece à mesma sequência de operações que vimos para a interrogativa parcial directa (cf. Campos e Xavier 1991: 346-347), e pode ser introduzida por um grande número de verbos de tipo declarativo, de inquirição, de actividade mental, etc.:

- (9) O Paulo perguntou/quis saber/disse-me/confessou-me/sabe quem fez isto.
- (10) O poeta Valéry disse um dia que um líder é alguém que precisa dos outros. O problema é que não se sabe bem a quem aproveita, no caso, este tão sensato dito. (CRPC, Ref: EP6DARI15CTXTX)

2.1.2. Interrogação retórica

A interrogação retórica funciona como uma falsa interrogação, na medida em que o enunciador é capaz, por si só, de validar a relação predicativa, pelo que não solicita a intervenção do co-enunciador nesse sentido. Este tipo de interrogativa tem o carácter de uma asserção, e não prevê resposta (cf. Lausberg [1963] 1982: 259, § 445, 2), que, ao ser dada, revela mau funcionamento do processo de comunicação. O co-enunciador deverá recuperar contextualmente o sentido da mensagem e interpretar a interrogativa como uma verdadeira asserção, ou seja, “ao reconstruir a significação (...), o co-enunciador reconstrói também a resposta, que não lhe está, portanto, a ser pedida” (Campos e Xavier 1991: 348).

No caso da interrogativa retórica parcial com *quem*, a asserção é sempre negativa, porque, sendo a interrogação retórica uma falsa interrogação, o enunciador não procura de facto validar a instanciação de um dos elementos da classe no lugar vazio da estrutura: ela já está validada *a priori*, ou seja, o

enunciador constrói de antemão o conjunto das ocorrências passíveis de validarem a relação predicativa como um conjunto vazio (*ninguém*). É o caso dos seguintes enunciados:

- (11) — O João agora quer ser rico!...
— Quem é que não quer ser rico? (Ninguém)
- (12) — Eu não vou por essa rua, que eu não quero ser assaltado!...
— E quem é que quer ser assaltado? (Ninguém)
- (13) Intrigas dos meios acanhados, quem as poderá calar?! (CRPC, Ref: L291P0018X) (Ninguém)

O pronome *quem* marca o percurso da classe de ocorrências abstractas com saída para o exterior: de entre todas as ocorrências abstractas do domínio nocional, não há nenhuma que valide a relação predicativa.

2.2. Construções exclamativas

Em contexto exclamativo, o pronome *quem* surge, essencialmente, em duas locuções cristalizadas, respectivamente:

- (14) Quem diria!
- (15) Quem (me) dera!

Ambos os casos se aproximam das interrogativas retóricas, e o primeiro caso enquadra-se na interpretação que vimos a propósito destas:

- (16) O Luís passou no exame. Quem diria! (Mateus *et al.* 1989: 253, nota 2) (Ninguém)

No segundo caso, cristalizou-se o uso do pretérito mais-que-perfeito simples do indicativo, em substituição do condicional ou do pretérito imperfeito do conjuntivo (*Quem me dera!* = *Quem me desse!*) (cf. Cunha e Cintra 1986: 456 e Cuesta e Luz [1971] 1989: 527):

- (17) Os teus olhos verde mar / São a minha tentação / Quem me dera naufragar / Nesse mar sem salvação (CRPC, Ref: L294P0108X)

A interpretação destas exclamativas, tal como a das interrogativas retóricas, está dependente do contexto e, sobretudo, da entoação. Assim, poderão corresponder-lhes duas leituras diferentes, a saber:

- A. O lamento pela não concretização de um desejo, caso em que correspondem a um pré-construído interpretável como uma asserção negativa:

- (18) Quem me dera ir também! (Cuesta e Luz [1971] 1989: 527) (= não vou)
 (19) — Então, ouvi dizer que ganhaste o Totoloto!
 — Quem me dera! (= não ganhei)
 (20) Quem me dera que ele reparasse em mim! (= não repara)
 (21) Quem me dera ser como Casimiro Lopes! (Graciliano Ramos *apud* Cunha e Cintra 1986: 456) (= não sou)

- B. A expressão de um desejo, em que a relação predicativa é projectada numa situação de enunciação distinta de Sit₀, com valor de futuro, e a construção tem uma interpretação condicional:

- (22) — Então, ouvi dizer que vais ser promovida!
 — Quem me dera! (= ainda não sei se sim ou não, mas gostava que sim)
 (23) Quem me dera que ele reparasse em mim! (= se ele reparasse em mim, ficava muito feliz/gostava muito que ele reparasse em mim)
 (24) Quem me dera que me saísse a Lotaria! Mudava logo de casa! (= se me saísse a Lotaria, mudava logo de casa)

Em ambas as interpretações da locução *quem (me) dera*, o pronome *quem* corresponde ao percurso da classe de ocorrências abstractas, sem que o enunciador consiga extrair uma ocorrência capaz de validar a relação predicativa. O pronome *quem* funciona como um representante da classe de ocorrências abstractas, interpretável como uma entidade indeterminada, equivalente ao pronome indefinido *alguém*:

- (25) (a) Quem me dera poder voar!
 (a') se me tivesse sido/for dada a possibilidade de voar!...
 (a'') se alguém me tivesse dado/der a possibilidade de voar!...

Esta locução tem valor semelhante a outras que apelam ao poder de uma entidade divina para a concretização de um desejo que o sujeito enunciador se sente impotente para realizar, como, por exemplo, *Oxalá!*, *Deus queira!*, *Queira Deus!*, *Deus o permita!* ou *Prouvera a Deus!* (cf. Cunha e Cintra 1986: 456 e Cuesta e Luz [1971] 1989: 461):

- (26) Deus queira [/quem dera] que esta vos mate a fome e aos gentios, por agora (Trovante, "Aerograma")

2.3. Construções relativas

Quem, como pronome relativo, surge em variadas construções de valor referencial específico e não específico.

2.3.1. Valor referencial não específico

Entre as construções relativas com valor referencial não específico, destacam-se as relativas sem antecedente expresso com valor genérico. Esta estrutura está na origem de numerosos provérbios populares, como, por exemplo:

- (27) Quem semeia ventos colhe tempestades.
(28) Quem desdenha quer comprar.

Neste caso, *quem* é marcador de uma operação de percurso com totalização: todas as ocorrências da noção validam a relação predicativa, que assim é afectada de um valor genérico (*todas as pessoas que semeiam ventos colhem tempestades*).

A mesma interpretação aplica-se a outras construções com o verbo da relativa no indicativo:

- (29) Não é contrabandista quem quer: é preciso inteligência e astúcia, arrôjo, o alerta dum chefe selvagem e a imaginação dum poeta. (CRPC, Ref: L9P0275X)
(30) Postou-se a uma esquina — o cão ao lado — e a quem passava dizia com ar compungido: — Dê-me meio tostãozinho, dê-me, que ainda não comi nada hoje... (CRPC, Ref: L287P0157X)

"O modo indicativo marca a validação ou não-validação da relação predicativa em Sit_0 , isto é, a construção de um valor de asserção estrita" (Campos e Xavier 1991: 342). Já o modo conjuntivo constrói a relação predicativa como validável ou não validável em Sit_0 (cf. *ibidem*). O conjuntivo corresponde a um percurso dos valores possíveis e à orientação para um deles, apenas como um valor possível entre outros (cf. Oliveira 1997: 129). As construções relativas com o verbo no conjuntivo têm um carácter hipotético e são parafraseáveis por estruturas condicionais do tipo *se... então* (cf. *idem*: 121):

- (31) Esta é a verdade: quem não aguentar a pressão da vida empresarial na Rússia, não aguentará o negócio. (CRPC, Ref: EP6DARI15CTXTX) (= se alguém não aguentar...)
- (32) Quem tenha lido apenas a notícia do semanário avalia mal o enquadramento da intervenção de Soares (CRPC, Ref: EP6DARI15CTXTX) (= se alguém tiver lido apenas a notícia...)

Quem é, nestes casos, marcador de uma operação de percurso rugoso, com extracção de um representante da classe de ocorrências abstractas (*alguém*).

2.3.2. Valor referencial específico

2.3.2.1. Relativas sem antecedente expesso

Em construções relativas sem antecedente expesso, podemos encontrar o pronome *quem* associado a valores referenciais específicos, em enunciados como:

- (33) Quem fez isto sabia o que estava a fazer.
(34) Recebi quem tu recomendaste. (Mateus *et al.* 1989: 294)

A especificidade dos enunciados provém das marcas situacionais (temporais e aspectuais) existentes na relativa. A oração relativa contém um pré-construído, respectivamente, *alguém fez isto e recomendaste-me alguém*, em que se predica a existência de uma ocorrência específica da noção, ou seja, uma ocorrência extraída do domínio nocional percorrido e localizada em relação à situação de enunciação, Sit₀. Como, respectivamente, sujeito e objecto directo da oração principal, *quem* marca uma operação de re-identificação (do tipo *esse alguém, essa pessoa*), ao retomar a ocorrência introduzida pela relativa.

Já num enunciado como:

- (35) Tenho quem me ajude a pagar a renda.

as marcas de ancoragem situacional encontram-se no verbo da oração principal; o verbo da relativa, estando no conjuntivo, não poderia comportar esse tipo de marcas. Esta construção é parafraseável por uma estrutura com o antecedente realizado lexicalmente e com o verbo da relativa no indicativo:

- (36) tenho alguém/uma pessoa que me ajuda a pagar a renda.

Comparando estas duas estruturas, apercebemo-nos de que, na construção com antecedente expesso, o enunciador compromete-se com a identificação do referente de N, enquanto, com *quem*, a especificidade referencial é atenuada até

à indeterminação (cf. Oliveira (no prelo)). Note-se que qualquer especificação individualizadora só se mostra aceitável em relação a um antecedente lexicalmente realizado; a retoma anafórica de *quem* parece sempre pouco natural:

- (37) (a) Tenho duas colegas que me ajudam a pagar a renda: a Joana e a Paula.
 (b) ??Tenho quem me ajude a pagar a renda: a Joana e a Paula.
 (38) (a) Tenho uma pessoa que me passa a roupa a ferro. Posso recomendar-ta.
 (b) *Tenho quem me passe a roupa a ferro. Posso recomendar-ta.

Com *quem*, estas construções comportam um distanciamento entre o enunciador e o enunciado. O enunciador rejeita a possibilidade de identificar referencialmente o sujeito da relativa, que assim adquire um valor vago e quase genérico, ou seja, o valor de mero representante da classe de ocorrências abstractas. O uso de *quem* é preferencialmente seleccionado quando se pretende dar um carácter geral à asserção, enquanto um antecedente lexicalmente realizado está, geralmente, mais próximo da especificidade, ou, pelo menos, deixa latente a possibilidade, por parte do enunciador, de identificar referencialmente o ou os indivíduos em questão.

2.3.2.2. Relativas com antecedente expresso

Em construções com antecedente expresso, *quem* pode surgir em relativas restritivas e apositivas, sempre antecedido de preposição (cf. Cunha e Cintra 1986: 350): *a*, quando objecto indirecto, *de*, quando marca de genitivo (cf. Mateus *et al.* 1989: 288), ou outras, com função sintáctica de oblíquo:

- (39) Já foram identificadas as empresas onde trabalhavam os operários a quem não foram pagos salários? (CRPC, Ref: EP6DARI15CTXTX)
 (40) Está ali o homem de quem perguntaste o nome. (Mateus *et al.* 1989: 287)
 (41) Mas quem é essa rapariga Nora? — É uma rapariga com quem eu, no outro dia, estive a dançar. (CRPC, Ref: L214P0089X)
 (42) “vamos continuar a dialogar e do resultado das nossas conversas dependerá a minha decisão”, anunciou ainda o antigo jogador do Benfica, para quem “seria uma honra voltar a representar este grande clube” (CRPC, Ref: EP6DARI15CTXTX)
 (43) ... e também foram pessoas que eu conheci no teatro, como a Fernanda Batista, por quem eu tenho muita admiração, e a Anita

Guerreiro, que me incentivaram para eu cantar o fado. (CRPC, Ref: L294P0151X)

Quando o pronome *quem* é objecto directo, “ocorre obrigatoriamente precedido de *a*” (Mateus *et al.* 1989: 164):

- (44) Vi o velhote a quem o Luís ajudou. (Mateus *et al.* 1989: 164)
- (45) Admiro as pessoas a quem não abalam os reveses da fortuna. (Cuesta e Luz [1971] 1989: 551)

Nestes casos, *quem* pode ser substituído por *que*, o que dificilmente sucederá em posição de objecto indirecto:

- (46) (a) Admiro as pessoas a quem/que nada atinge.
(b) O Rui, a quem/que ajudei durante tantos anos, abandonou-me quando eu mais precisava.
- (47) (a) Apareceu o homem a quem/?a que fizeram tanto mal. (Mateus *et al.* 1989: 287)
(b) O André, a quem/*a que dei uma má nota no exame, está ressentido comigo.

Mas nem sempre o pronome *quem* pode surgir como objecto directo: em certos casos, a preposição *a* induziria a interpretação de objecto indirecto:

- (48) recebi o velhote *a quem/que me recomendaste

Em construções com antecedente expresso, *quem* marca:

- (i) percurso da classe de ocorrências abstractas;
- (ii) extracção de uma ocorrência e predicação de existência;
- (iii) re-identificação da ocorrência extraída com uma ocorrência especificada da noção.

Nestas construções, *quem* marca as várias etapas do processo de individuação de uma ocorrência da noção / () ser humano/, noutras, como vimos, marca apenas algumas delas. Mas, inevitavelmente, conserva os vestígios da operação básica de percurso, efectuado sobre a classe de ocorrências abstractas.

Bibliografia

CAMPOS, Maria Henriqueta Costa (1989), *Abordagem enunciativa de um subsistema do sistema modal do português: os verbos dever e poder*, Dissertação de Doutoramento, Lisboa, FCSH/UNL.

- CAMPOS, Maria Henriqueta Costa; Maria Francisca XAVIER (1991), *Sintaxe e Semântica do Português*, Lisboa, Univ. Aberta.
- CUESTA, Pilar Vásquez; Maria Albertina Mendes da LUZ ([1971] 1989), *Gramática da Língua Portuguesa*, Lisboa, Edições 70.
- CULIOLI, Antoine (1989), "Representation, referential processes, and regulation. Language activity as form production and recognition" in J. Montangero; A. Tryphon (eds.), *Language and Cognition*, Foundation Archives Jean Piaget, Cahier n° 10, Genève, 97-124; também in Culioli 1990: 177-213.
- CULIOLI, Antoine (1990), *Pour une linguistique de l'énonciation. Opérations et représentations*, Tome 1, Paris, Ophrys.
- CUNHA, Celso; Luís Filipe Lindley CINTRA (1986), *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, 3ª ed., Lisboa, Ed. J. Sá da Costa.
- GILBERT, Eric (1993), "La Théorie des Opérations Énonciatives d'Antoine Culioli" in *Les Théories de la Grammaire Anglaise en France*, Paris, Hachette Supérieur, 63-96.
- HERCULANO, Alexandre ([1844] 1986), *Eurico o presbítero*, 3ª ed., Biblioteca Ulisseia de Autores Portugueses - 8, sl, Editora Ulisseia.
- LAUSBERG, Heinrich ([1963] 1982), *Elementos de Retórica Literária*, 3ª ed., Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- MATEUS, Maria Helena Mira; Ana Maria BRITO; Inês DUARTE; Isabel Hub FARIA (1989), *Gramática da Língua Portuguesa*, 3ª ed., Lisboa, Ed. Caminho.
- OLIVEIRA, Teresa (1997), *Construções relativas: uma proposta transcategorial*, Dissertação de Mestrado, Lisboa, FCSH/UNL.
- OLIVEIRA, Teresa (no prelo), "O conjuntivo nas construções relativas com valor referencial" in *Actas do Colóquio Internacional 'A investigação do Português na África, América, Ásia e Europa: balanço crítico e discussão do ponto actual das investigações'*, Berlim, Ibero-Amerikanisches Institut, Preussischer Kulturbesitz, Março 1998.
- VALENTIM, Helena Topa (1995), *Predicação de existência e operações enunciativas*, Dissertação de Mestrado, Lisboa, FCSH/UNL.